

**Trabalho e cidade – relações de trabalho e seus territórios  
algumas questões sobre os processos de determinação e estruturação dos  
territórios da cidade contemporânea**

Que dizer, em tempos de tanta transformação, das teorias clássicas que buscam perceber quais são as forças estruturantes da vida social e das cidades, localizando-as nas relações de trabalho e produção, nas relações sociais daí provenientes e de seus desenhos no espaço urbano, em espaços cada vez mais diversificados e, aparentemente, mais fragmentados? Muitos dos processos contemporâneos – financeirização, transformação das relações com o trabalho e de trabalho, fim dos processos que, ancorados na centralidade do trabalho, constituíam sociabilidades e territórios parecem apontar a erosão ou a dissolução dos vínculos de estruturação que, pelo menos a partir da revolução industrial, desenhavam no espaço arranjos e cadeias produtivas, pela proximidade de mercados, polarização e concentração da força de trabalho, espaços e tempos do trabalho e a articulação de modos de vida, relações sociais, inter e entre classes, a própria conformação das classes no território urbano e a distribuição espacial, a fisionomia das cidades, os modos de segregação e disposição de equipamentos urbanos.

É verdade que a partir de um conjunto bastante significativo de discussões do que se pretendeu mapear como as novas configurações e ordenamentos produtivos, assim como os chamados processos de focalização, downsizing, produção enxuta, novos modos de gestão do trabalho, processos de terceirização e externalização de todos os tipos, a questão das cidades, crescentemente vistas como “cidades globais”, como cidades fragmentadas, descentradas, moduladas, dominadas por atividades vinculadas ao terciário avançado e mundializado, comparecem como uma espécie de testemunho do processo de perda de

centralidade do trabalho, ou ainda de perda da capacidade de estruturação e determinação dos processos produtivos sobre os territórios urbanos.

Essa comunicação busca, a partir de um conjunto de achados de cunho etnográfico, de pesquisa de campo que agrega informações localizadas numa espécie de trabalho de uma formiga obsessiva (o formigueiro se compõem de um conjunto de alunos de graduação e pós graduação, bem como de membros de outras grandes investigações das quais participei) demonstrar que as mesmas forças estruturantes estão presentes, ainda que moduladas conforme os novos tempos de financeirizações e de serviços do chamado terciário avançado que se combina, porém com um conjunto de outros processos que podem ser identificados como o que, de modo bastante instigante alguns autores chamaram de “mundialização por baixo”<sup>1</sup>. Se a expressão pode significar em um contexto europeu a porosidade e o trânsito entre fronteiras, as migrações internacionais de novo tipo, modos e formas de um comércio que atravessa os pólos formais e informais de circulação e consumo, o digamos “lado B” dos circuitos comerciais, mas nem por isso menos importantes nem menos significativos, por outro lado, pode-se perceber outras modulações desses mesmos processos que se articulam ou não com os migrações de novo tipo e de novo patamar como a presença boliviana no Brasil e em São Paulo, particularmente. Trata-se de perceber que parte desse processo de “mundialização por baixo” também acontece a partir da transformação silente e nem sempre muito visível de territórios urbanos, cuja natureza no mínimo vem se transformando sem que se possa perceber imediatamente o sentido e o modo dessas transformações. Talvez a imagem mais importante desse texto diga respeito a uma invisibilidade que atravessa tanto territórios quanto relações de trabalho, apontando para um eclipse das formas clássicas que relacionavam o “mundo da moradia” dos trabalhadores do “mundo do trabalho”. Redescobrimo o que se invisibilizou, pode-se então, mais uma vez perceber a presença de relações e formas de trabalho elas também

---

<sup>1</sup> Ver A . Tarrus - TARRIUS, Alain, 2002, *La mondialisation par le bas. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*, Paris, Balland

embaralhadas, mas nem por isso menos estruturantes de vidas, circuitos e territórios.

### **Alguns exemplos de pesquisa - Cidade Tiradentes e Vila Curuçá/Guaianases Costura e Reciclagem**

Os antigos “bairros dormitórios”, produzidos por conglomerados de apartamentos e financiados por programas de habitação social, nas fronteiras leste da cidade de São Paulo se transmutaram de novos territórios produtivos. Evidentemente, esses territórios produtivos são de um formato inusitado, constituído por novas combinações, por relações de trabalho que se combinam com arremedos das velhas formas de trabalho a domicílio ou que se assemelham ao que Marx descreveu como a simples reunião de trabalhadores sob um mesmo teto, para discutir as formas de cooperação simples. Se, por um lado, um bairro como Cidade Tiradentes, um gigantesco aglomerado de unidades de habitação de baixa renda a 35 km do centro da cidade, pode ser visto como testemunho do que alguns ainda chamam de cidade fordista – produção em massa, em grandes plantas produtivas, com grandes quantidades de trabalhadores aglomerados por exemplo, digamos, na cadeia de produção da indústria automobilística – por outro lado, um olhar mais atento e talvez a partir de uma inserção mais etnográfica, aponta para outras forças que atuam nas relações entre produção e cidade, entre produção e território, relações inclusive que têm duas mãos – ou seja, há sem dúvida um conjunto de possibilidades que se desenvolvem de modo invisível no interior dos apartamentos transformados em oficinas de costura. Mas também há o contrário – a possibilidade de exploração e absorção de parcelas das mais vulneráveis de trabalhadores – mulheres, negras, chefes de família, em situações de muita precariedade, cujo trabalho se combina com o trabalho de “cooperativados” ou de pseudo-cooperativas, de presidiários, de “autônomos”, tanto no âmbito da produção como dos circuitos de circulação que vão das empresas e das feirinhas da madrugada até os shoppings e centros de consumo

de luxo, passando pela confecção de camisetas, bolsas, bonés e bandeiras para o Ministério dos Esportes dos Governos Lula.<sup>2</sup>

Talvez a primeira notação diga respeito a essa combinação – que aliás pode ser identificada como mais ou menos inédita, mas que não é peculiar à Cidade Tiradentes, replicando-se pelos territórios periféricos das cidades, nesses empreendimentos mais ou menos bem sucedidos, freqüentemente originários dos programas de geração de emprego e renda, ou ainda de “empreendimentos solidários” ou de “economia solidária” somados à iniciativa e ao financiamento de fundações empresariais à que se agregam programas estatais, financiados direta ou indiretamente com a inversão de fundos públicos. Essa nova forma – mesclada e porosa, entretanto, esconde alguns dos elementos mais notáveis dessa nova configuração. Trata-se de uma certa informalidade – muito diversa da informalidade clássica – que comparece em graus muito variáveis e bastante embaralhados que vão desde formas brutais de exploração sem qualquer regulação – como é o caso dos trabalhadores cooperados e em domicílio de Cidade Tiradentes, até relações de cunho empresarial que se constituem a partir de um “trabalho autônomo” formalizado – como é o caso de algumas centrais de triagem de resíduos sólidos em Vila Curuçá, com a obrigatoriedade do pagamento do INSS, com algum grau de seguridade, etc, ainda que com limites muito fluídos entre estar dentro e fora da “cooperativa”.

Como se configuram esses territórios – como bairros-dormitório, tal como classicamente foram vistos? É curioso perceber que tal como o trabalho supostamente perde centralidade e perde força estruturante, bem como perde seu lugar a partir do qual se constituíam sujeitos sociais e políticos, assim também a visibilidade desses processos produtivos se recobre de um caráter bastante nebuloso. Os processos de produção que têm lugar nesses territórios são apenas e tão somente entrevistados a partir de inserções etnográficas de pesquisa e,

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao que foi descrito em Geoges, I. e Rizek, C. S. – A periferia dos direitos – ANPOCS, Caxambu, 2008 ou ainda em Rizek, C. S. “Verde, Amarelo, Azul e Branco – o novo fetiche” in Hegemonia às Avessas Oliveira, F. e Braga, R. – Boitempo, São Paulo, no prelo.

realizados em meio a um conjunto de novas injunções. Eles parecem se confundir com programas edificantes de geração de renda, pipocando aqui e ali, onde o encolhimento do emprego assalariado teria deixado um vazio de relações de trabalho.

Outro exemplo significativo desses novos modos de inserção é o circuito - também a leste da cidade de São Paulo - de triagem e reciclagem de resíduos sólidos. Algumas observações são aqui imprescindíveis. Assim como a costura realizada em domicílio e em pseudo cooperativas observadas em Cidade Tiradentes, o processo de reciclagem acontece a partir, em primeiro lugar, de um circuito que supõe o trabalho de catação, a centralização intermediária do produto desse trabalho em núcleos com algum processamento (por exemplo de plásticos), a organização de cooperativas de reciclagem e, ao mesmo tempo, a constituição da face mais “ empresarial” do processo, a central de triagem mais bem sucedida da cidade de São Paulo. Aqui (como também, ainda que de outro modo no caso de parcelas do trabalho de cooperativas de costura já mencionado) uma combinação entre “trabalho social” e trabalho, entre ongs/empresas/empreendimentos solidários/ elementos provenientes de programas sociais e políticas públicas se articulam nublando o caráter e a forma do processo produtivo em curso. De que, afinal, se trata? Qual o estatuto do trabalho e das relações de trabalho como elementos da composição dessas articulações que nesse caso só podem acontecer “em rede”<sup>3</sup>? Onde e como se articulam essas redes? Elas podem ser vistas como elementos estruturantes do território ou, ao contrário, são elementos de desterritorialização? Quais são os elementos que os definem enquanto circuitos produtivos e, sobretudo, como e quais atores se articulam no seu interior, a partir de suas grandes pontas ou eixos?

As visitas a esses trabalhadores da reciclagem na fronteira leste da cidade de São Paulo aponta para um conjunto de relações e inserções que puderam acontecer,

---

<sup>3</sup>Ver a esse respeito “ La collecte et le traitement de déchets” Robert Cabanes, Monica Virginia de Souza (mimeo)

para além dos conhecimentos pessoais e da pertinência e moradia em um mesmo bairro, a partir do Fórum do Lixo e da iniciativas da prefeitura de São Paulo durante a gestão Marta Suplicy – 2001/2004. Aqui todo um conjunto de dimensões se configura, como por exemplo, o vínculo entre o trabalho de catação – trabalho que, aliás, se afirmou como trabalho como bandeira de luta do movimento de catadores – e as formas de organização e de movimento da população em situação de rua. Trata-se, portanto, de um circuito que vai do catador em situação de rua até grandes empresas – grandes redes de super mercados e shoppings onde o material é coletado, até grandes empresas que compram e reutilizam o material proveniente da reciclagem, como grandes empresas de papel, de plásticos, de embalagens, empresas metal-mecânicas, passando por núcleos que se configuram como pequenas empresas familiares que se revestem das dimensões mais ou menos ideológicas de “sustentabilidade” e “proteção e preservação ambiental”, ou “cooperativas” que funcionam como núcleos intermediários de triagem e tratamento dos dejetos, até as grandes centrais de triagem, entre as quais a da Vila Curuçá, organizada como cooperativa mas cada vez mais revestida de um caráter de empresa, nem familiar nem tão solidária assim. Esse gradiente de pontos de aglutinação de trabalho e de dejetos conformam um território de produção e circulação ou, pelo menos, de reinserção produtiva de um conjunto de elementos materiais ou não, anteriormente descartados, ou jamais inseridos no processo produtivo.

Desse ponto de vista, a descrição da central de triagem – o exemplo mais bem sucedido dessa “cadeia” é bastante significativo. Em primeiro lugar, entre os 90 a 100 (cifra que varia conforme o período e os ciclos de recepção e venda de dejetos) trabalhadores “cooperados”, não se encontram catadores ou ex catadores, mas ex trabalhadores fabris ou do setor de serviços. De qualquer modo, trabalhadores que tenham incorporado os procedimentos e a disciplina do trabalho assalariado. Outro elemento que chama a atenção no trabalho da central de triagem é a esteira de separação dos materiais recicláveis. Trata-se da esteira de produção onde um conjunto de trabalhadores fazem a separação do que é

reciclável e do que deve ser descartado, a partir da coleta doméstica e de centros de comércio, por exemplo, realizada por caminhões cedidos pela prefeitura<sup>4</sup>, em dois turnos de produção. Além das acusações freqüentes de roubo entre os trabalhadores da cooperativa, alguns outros elementos chamaram atenção no conjunto de visitas ao local. A não predominância de gênero na esfera da separação e da produção, por um lado, em contraponto à masculinização dos cargos de gestão e da gerência da cooperativa, por outro<sup>5</sup>; a centralização das funções de mando, independentemente de quem formalmente teria sido eleito para a coordenação e presidência; a grande rotatividade de trabalhadores na esteira tanto porque alguns ficavam doentes com freqüência<sup>6</sup>, quanto porque havia a prática das “demissões” conforme os rendimentos e conforme a produtividade. Outro elemento bastante freqüente era a acusação de roubo ou de uso de drogas pelos “ratos de duas patas” ... De qualquer modo, além da esteira que caracteriza o trabalho repetitivo das fábricas, outros elementos das relações fabris se fazem notar como a prática de assédio moral, “demissão” e “readmissão”, rotatividade, centralização de mando e de informações, etc. Entretanto, é inegável que com “pulso forte”, a administração da cooperativa conseguiu torna-la o exemplo mais bem sucedido de triagem da cidade de São Paulo. Pena que, ao que tudo parece indicar, ela tenha deixado de ser uma cooperativa, adquirindo para dentro e para fora um caráter empresarial de velho tipo, implementando

---

<sup>4</sup> É preciso notar que a Central de Triagem tem o apoio da prefeitura que paga ou cede caminhões de coleta e entrega do material, bem como o aluguel do grande galpão onde funciona a cooperativa, no valor de R\$10.000,00. Essa ajuda que viabilizou a cooperativa, entretanto, precisou ser complementada por novas máquinas compradas pela própria central e seus cooperados, para apoiar e permitir o seu crescimento. Essa iniciativa foi da gestão Marta Suplicy, tendo origem portanto, durante o seu governo. Curiosamente, quando perguntamos ao então presidente da cooperativa o que teria significado a mudança do governo municipal ele respondeu: “Bom desde que o apoio continue – e ele continuou – não significou muita coisa não”.

<sup>5</sup> Na última visita à cooperativa, no final de 2008, havia mudanças: uma mulher tinha sido eleita para a presidência da cooperativa. Entretanto, para nossa surpresa, percebemos no escritório, que as tarefas de direção continuavam a ser exercidas pelo presidente anterior, que atuava de modo bastante centralizador na Central. Assim também, depoimentos de trabalhadores e coordenadores dos núcleos também apontaram esse caráter centralizado da gestão da cooperativa.

<sup>6</sup> Chamou a atenção a sujeira e as más condições do local onde se desenvolve a separação. Em primeiro lugar, o galpão – anteriormente um galpão industrial – é muito quente e está ocupado com o material já separado. Bem como aquele que recém chegou por meio dos caminhões das casas e estabelecimentos comerciais da região. Esse material, por sua vez, chega misturado a resíduos de lixo orgânico como restos de leite ou alimentos, o que, por sua vez, possibilita ou facilita a presença de ratos e insetos, tais como abelhas e baratas. Depois de reciclado e prensado, o material vai para o depósito a céu aberto, onde também se acumulam resíduos de outra natureza.

práticas bastante claras de produção tributárias das formas mais clássicas de exploração do trabalho.

Em contraponto a essa central de triagem, pode-se mencionar outra cooperativa, menor e articulada de outro modo, sua liderança principal afirmava, na última entrevista que realizamos<sup>7</sup>, sua absoluta convicção de que a esteira de triagem era “cruel demais”. Sendo assim, nunca quis de fato uma esteira de produção para sua cooperativa, constituída em oposição à central de triagem e aos seus procedimentos. Essa cooperativa parecia ser menor, gerida de forma mais democrática, acomodando a família da coordenadora e mais 12 trabalhadores, na sua maioria mulheres. Ocupava um imóvel de menores proporções, recém reformado e bastante modificado desde a última visita, no final de 2007. Diante das modificações e da necessidade de rendimentos maiores, a coordenadora nos apresentou os novos projetos da cooperativa – uma escola, um centro de capacitação, em imóvel maior, reformado e parcialmente reconstruído, bem acabado e em processo de aquisição de equipamentos. O que teria acontecido? Nosso exemplo mais virtuoso dentro desse circuito de reciclagem da zona leste teria encontrado afinal seu novo destino com um novo conjunto de parcerias com .... a Rede Record de Televisão e por seu intermédio, com a Igreja Universal do Reino de Deus ....

Mais uma vez as ambigüidades, liminaridades, porosidades se apresentavam exatamente ali onde imaginávamos ter encontrado o pólo mais solidário e virtuoso do circuito da reciclagem. Mais uma vez, empresas, estado – por meio de fundos públicos, iniciativas familiares, trabalhadores autônomos e desempregados, se articulavam em iniciativas que permitiam o uso potencializado de um trabalho precário, totalmente desprovido de regulação, que se misturava à viração e aos bicos, às vezes elevados à condição de pequenas empresas familiares, na produção de novas matérias primas, investidas do caráter de “preservação

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada em abril de 2009.

ambiental”, apropriadas por preços vis por grandes empresas de papel, plásticos, embalagens, metal-mecânicas, etc ...

Algumas precisões: algumas parcelas do trabalho de reciclagem, porém, são – de fato - menos precários do que o trabalho de costura. Por outro lado, as linhas de montagem e esteiras de produção – o que parece desaparecer do mais moderno processo produtivo, são reintroduzidas nesse tipo de “ produção”, como de resto, parcelas inteiras de trabalhadores expulsos das formas clássicas de assalariamento, ou mesmo aqueles que nunca tiveram acesso a esse tipo de vínculo com a produção e o trabalho. Aliás – cabe sempre a pergunta o que se produz? Quem produz?

Em uma das últimas visitas à cooperativa de costura de Cidade Tiradentes que denominamos ATRITO<sup>8</sup>, uma das trabalhadoras da linha de montagem da bandeira brasileira me pediu para fornecer informações sobre as cooperativas de reciclagem, que ela pensava oferecer condições muito melhores de trabalho. Tudo se passa, então, para uma grande parcela de trabalhadores das franjas da cidade de São Paulo, como se eles estivessem presos entre essas alternativas, como se elas fossem tudo o que lhes sobra. Diante disso cabe ainda perguntar mais uma vez: o que se produz e para quem se produz? Como se produz, como se articulam essas redes que acabam finalmente “nos preços de mercado”, passando por programas sociais, financiamentos públicos, matérias primas provenientes da reciclagem, virtuosos programas de capacitação, geração de emprego e renda, constituição de micro empresas etc

Afinal então trabalho e território se encontram modulados de outra forma. Talvez a questão das relações entre trabalho, produção e cidade não seja a não centralidade do trabalho, ou a desterritorialização do capital financeiro e fictício. Talvez a questão seja a das novas intransparências das forças que estruturam as relações entre produção e territórios urbanos que aparecem indeterminados,

---

<sup>8</sup> Ver Geoges, I. e Rizek, C. S. “A Periferia dos Direitos”, op. Cit.

aleatórios, desterritorializados tal como a experiência e a apreensão fenomênica – os espaços e tempos de coletivos desmanchados, de sujeitos que não podem mais se reconhecer como tais, de modos de vida dos quais se elipsou qualquer possibilidade de experiência de classe, apesar da manutenção da condição de classe ...

Para além dos sheds, do barulho do trem de subúrbio, do apito da fábrica da casa operária e do boteco, novas configurações do trabalho, da produção e de suas relações moduladas com o espaço e os tempos da cidade parecem se impor no trabalho pequeno da observação etnográfica.

### **Bibliografia**

Cabanes, R. e Souza, M. V. - “ La collecte et le traitement de déchets” in *La Ville d'en-bas (São Paulo, Brésil)*, Cabanes, R. & Geoges, I. L´Harmattan, Paris – no prelo

Geoges, I. & Rizek, C. S. – “A Periferia dos direitos” – Anais eletrônicos do 32 Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2008

Rizek, C. S. –“Verde, Amarelo, Azul e Branco – Uma mercadoria e seu fetiche” in **Hegemonia às Avessas**, Boitempo, São Paulo, no prelo

Rizek, C. S. – “Comunidades e pobreza urbana: do protagonismo à gestão? Aproximações” - Anais eletrônicos do XI Encontro Nacional da ANPUR, Belém do Pará, 2007

Magalhães Jr., José C. **O Mercado da Dádiva: formas biopolíticas de um controle das populações periféricas urbanas**. Mestrado em Sociologia apresentado à FFLCH- USP, São Paulo, 2006.

Rizek, C. S. e Paoli, M. C. Prefácio de **A Política na Era da Indeterminação**. Oliveira, F. e Rizek, C. S. (org) Boitempo, São Paulo, 2007

Paoli, Maria Célia “ O mundo do indistinto” in **Política na Era da Indeterminação**.  
Oliveira, F e Rizek, C. S. (org) Boitempo, São Paulo, 2007

CABANES R., TELLES, V. (org.) [2006], *Nas tramas da cidade*, Ed. Humanitas/IRD, São Paulo

SOUZA, M. V. [2007] – “Transformações recentes no Extremo Leste de São Paulo: Itaim Paulista e Cidade Tiradentes”; Texto de qualificação de doutoramento apresentado ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, São Carlos

Lavos, A . P. - **Sociabilidades em conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado: o caso da COHAB Cidade Tiradentes** Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP – São Carlos, 2009